

## O PROBLEMA NACIONAL NA GUIANA FRANCESA E A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

Iuri Cavlak<sup>1</sup>

**Resumo:** Durante a Segunda Guerra Mundial, a Guiana Francesa vivenciou dois tipos de alinhamento político. A partir de 1941, foi incorporada, enquanto colônia, a França colaboracionista, respondendo às ordens de Vichy. Em 1943, com as sucessivas vitórias da resistência, a derrota dos nazistas na União Soviética e o avanço dos aliados, sua população decidiu majoritariamente pela expulsão das autoridades e ao apoio a França livre, então comandada pelo General De Gaulle.

**Palavras-chave:** Guiana Francesa; Independência; França.

**Abstract:** During World War II, French Guiana experienced two types of political alignment. From 1941 onwards, as a colony, collaborationist France was incorporated, responding to Vichy's orders. In 1943, with the successive victories of the resistance, the defeat of the Nazis in the Soviet Union and the advance of the Allies, its population decided mainly for the expulsion of the authorities and the support of free France, then commanded by General De Gaulle.

**Key-words:** French Guiana; independence; France.

### 1) INTRODUÇÃO:

A Guiana Francesa é a única entidade política encravada na América do Sul que não é independente. Território que circunscreve cerca de 84 mil quilômetros quadrados, se configura como a maior fronteira terrestre da França, parte da União Europeia em plena floresta amazônica. Atinge hoje uma população perto de 300 mil pessoas, tendo a Base Espacial de Kourou como maior atividade econômica.

A República Cooperativa da Guiana, antiga Guiana Inglesa, protagonizou um forte movimento classista nos anos 1960, capitaneado pelo PPP (Partido Progressista do Povo), de ideário marxista e com fortes referências em Cuba e no leste europeu. Articulando indianos e afro-guianeses numa mesma organização, se tornou uma séria ameaça a hegemonia inglesa no local, fustigando a administração colonial em nome de reformas sociais e políticas. Como resposta, a Inglaterra se apoiou nos Estados Unidos, derrotando o PPP através de fraudes eleitorais e da exacerbação de divisões inter-étnicas.<sup>2</sup> Em 1966, foi concedida a independência, comandada internamente por um ex-integrante do movimento socialista, Forbes Burnham, que, logo em 1970, transformou consideravelmente o sistema político do recém criado país, batizando-o de República Cooperativa. Um governo, *grosso modo*, bastante autoritário e corrupto internamente, todavia apegado externamente ao Movimento dos Países Não Alinhados e alguns países do leste europeu.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Professor do Colegiado de História e do Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em História Social pela Unesp de Assis com Pós-doutorado em História Latino-Americana na New York University. Pesquisador membro do OBFRO (Observatório das Fronteiras do Platô das Guianas).

<sup>2</sup> RABE, Stephen. *U.S. Intervention in British Guiana: a cold war history*. Washington: North Caroline Press, 2005.

<sup>3</sup> THOMAS, Clive. *State Capitalism in Guyana: an Assessment of Burnham's Cooperative Republic*. In: FITZROY, Amburley e COHEN, Robin (ed). *Crisis in Caribbean*. New York: Monthly Review Press, 1983.

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.2019.v56n2.10.p89>

O Suriname, antiga Guiana Holandesa, por sua vez, teve uma independência consentida pela Holanda, no final de 1975, sem grandes manifestações políticas. Em fevereiro de 1980, não obstante, um golpe militar de jovens oficiais do exército direcionou o país para a zona de influência cubana, de sorte a valorizar o então nascente movimento sindical e partidos radicais de esquerda. Em 1983 uma invasão norte-americana chegou a ser ensaiada, bloqueada pela atuação diplomática da ditadura brasileira, que, em troca de apoio logístico e militar, gestou pela expulsão do pessoal cubano e pelo rompimento com o ideário socialista.<sup>4</sup>

Nos anos de 1960 e 1970, com o movimento de descolonização, a emergência do “terceiro mundismo”, e, mais pontualmente, a derrota francesa na Argélia, a Guiana Francesa tomou força rumo a ruptura total com a metrópole e também a formação de um novo país. Internamente, influenciou a própria dinâmica da luta de classes no local, com atividades significativas partidos políticos de esquerda, como socialistas e comunistas, com imprensa influente e militância de base. Atentados armados chegaram a ser deflagrados, não gerando, ao fim e ao cabo, a saída do mundo francês. Pelo contrário, a partir das reformas de 1982, orquestradas pelo socialista François Mitterrand desde Paris, a Guiana Francesa caminhou cada vez mais para a integração com a França europeia. Após um plebiscito em 2010, a Guiana Francesa, então Departamento Francês de Ultramar (DOM) se tornou uma Coletividade Francesa de Ultramar (CTOM), empalmando certas autonomias financeiras e de gestão.

Refletir sobre os caminhos que levaram a essa saída não independentista, e perscrutar o papel dos comunistas e socialistas no contexto, é o objetivo principal deste trabalho.

## 2) O CONTEXTO DO PÓS-GUERRA:

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Guiana Francesa vivenciou dois tipos de alinhamento político. A partir de 1941, foi incorporada, enquanto colônia, a França colaboracionista, respondendo às ordens de Vichy. Em 1943, com as sucessivas vitórias da resistência, a derrota dos nazistas na União Soviética e o avanço dos aliados, sua população decidiu majoritariamente pela expulsão das autoridades e ao apoio a França livre, então comandada pelo General De Gaulle. Pesou muito a atuação do então governador do Chade, Félix Éboué, nascido em Caiena, que tomou posição pioneira no âmbito da administração colonial como resistente ao lado de De Gaulle.

Em 19 de março de 1946, no contexto da reconstrução do pós-guerra, a Guiana Francesa deixou o status de colônia para o de Departamento, uma “descolonização sem independência”, como assinalou Stéphane Granger.<sup>5</sup> A região correspondente ao litoral, mais povoada, se incorporou plenamente ao Estado francês, enquanto o interior, onde habitavam as populações ameríndias e negros da mata (“bushnengue”), seguiu como colônia, no chamado Estado do Inini. Na visão de Edenz Maurice, tratou-se da preocupação de um único grupo social, a burguesia *créole*: “Assim, não se pode pensar como uma integração da sociedade guianense no seu conjunto: para as populações dos municípios rurais e do Inini, a situação permaneceu colonial”.<sup>6</sup>

No parlamento em Paris, ocorreu um debate basicamente por duas concepções de departamentalização: assimilação política e cultural em oposição a autonomia local e respeito as diversidades autóctones.<sup>7</sup> Seguiu no decorrer dos anos, com predomínio da primeira em relação a segunda.

<sup>4</sup> HOEFTE, Rosemarijn. *Suriname in the Long Twentieth Century: Domination, Contestation, Globalization*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

<sup>5</sup> GRANGER, Stéphane. Guiana Francesa entre França e Brasil: Da colonização a continentalização. In: PORTO, Jadsen e SOTTA, Eleneide (orgs). *Reformatações Fronteiriças no Platô das Guianas: (re) territorialidades de cooperação em construção*. Rio de Janeiro: Publit, 2011.

<sup>6</sup> MAURICE, Edenz. *Les Eiseignants et la Politisation de la Guyane (1946-1970). La emergence de la gauche guyanaise*. Matoury: Ibis Rouge, 2014. p. 25.

<sup>7</sup> Idem, p. 29.

Essa primeira fase da nova entidade política francesa esteve envolta numa áurea de bastante otimismo em relação ao futuro, ao menos dentro dessa classe citada acima. Em agosto de 1947, desembarcou o “Préfet” nomeado por Paris, Robert Vignon, na esteira de um sentimento de que a Guiana Francesa havia desempenhado um papel importante na guerra, merecendo dessa maneira um tratamento especial.

Foram selados acordos de tráfego aéreo com a Venezuela e a Colômbia, naquele momento curiosamente não com o Brasil, visando a mitigar o isolamento causado pela debilidade das ligações de transporte. O novo Departamento saiu do âmbito do Ministério das Colônias, passando para o Ministério de Ultramar, o que garantiu acesso a novos recursos, como o FIDOM (Fundo de Investimento dos Departamentos de Ultramar).

Medidas sanitárias foram implementadas de maneira a combater a secular insalubridade do local, responsável por uma mortalidade infantil sempre elevada. O PMI (Proteção Maternal Infantil) garantiu sistematizar uma série de cuidados com os recém nascidos, garantindo melhoras nesse aspecto. “O PMI revolucionou as práticas sanitárias guianesas ao propor as famílias um exame médico pré-natal, a vigilância sistêmica das grávidas e o acompanhamento médico das crianças”.<sup>8</sup>

O projeto se tornou mais forte a partir dos anos 1950, fornecendo leite para as crianças nas escolas, vitaminas e suplementos minerais para as mães que frequentassem os centros de saúde, além de condições para que fosse possível maior higiene e nos lares das famílias de baixa renda. Campanhas de vacinação foram levadas a cabo, com a aplicação de injeções de imunização contra a varíola, o tétano e a difteria, além da eliminação da tuberculose e da lepra. Vastas campanhas de dedetização foram desenvolvidas, eliminando vetores do paludismo e da febre amarela. Em 1948, o número de nascidos vivos superou o de óbitos.<sup>9</sup>

O Instituto Pasteur recebeu novas dotações orçamentárias, auxiliando nas nos projetos de pulverizações e drenagens. Naquela segunda metade dos anos 1940, apenas 5% da população desfrutava de água encanada e saneamento básico.

No campo da educação escolar, um aumento significativo de matrículas pôde ser observado no período. “Entre 1952-1953, a população escolar do território se elevou a 3.983 alunos, menos de vinte anos mais tarde, ela mais que dobrou com 9.748, o que representa 144% de aumento”.<sup>10</sup>

*Pari passu* a essas melhorias sociais, tensões foram se desenvolvendo. Em 1950, uma greve de funcionários públicos, a primeira do pós-guerra, reivindicou um adicional salarial, tendo em vista o maior custo de vida em relação a França europeia, e sobretudo a equiparação salarial entre os funcionários do quadro metropolitano com os do departamento.

Em 1951, foi inaugurado na Guiana Francesa a SFIO (Seção Francesa da Internacional Socialista), respondendo a uma crescente politização local. A desigualdade entre os nascidos na parte europeia e os locais de certa forma se reproduzia com o desenvolvimento econômico, galvanizando insatisfações.

Somado a isso, um novo contexto se abriu no sentido do questionamento das relações entre a Europa e suas possessões em outros continentes, articulando aspirações de reformas internas com questões externas. Em 1954, o vizinho Suriname teve seu status elevado pela Holanda, para uma “colônia autônoma”, apontando para uma independência gradual. Em julho desse mesmo ano, o Vietnã logrou sua independência frente a França, um

---

<sup>8</sup> MAM LAM FOUCK, Serge. *Histoire Générale de la Guyane Française*. Matoury: Ibis Rouge, 2002. p. 68.

<sup>9</sup> Idem, p. 78.

<sup>10</sup> MAURICE, Edenz. *Op. Cit.* p. 46.

acontecimento bastante significativo. Em novembro de 1954 começou efetivamente a guerra pela independência da Argélia.

Em 1955, na Conferência de Bandung, na Indonésia, países asiáticos e africanos reforçaram o movimento para uma união “terceiro-mundista”, em nome do desenvolvimento de laços econômicos e políticos em oposição ao colonialismo.

Na Guiana Francesa, surgiu em setembro de 1955 o CGASP (Comitê Guianês de Ação Social e Política), com uma clara aspiração socialista:

Em 1956, comandado por Justin Catayè, fundou-se o Partido Socialista Guianense (PSG), primeiro partido de massas no sentido de buscar efetivamente filiações da população pobre e dos trabalhadores com baixa qualificação. Com o objetivo da “organização do proletariado e do mundo do trabalho em partido de classe, pela conquista das alavancas de comando do departamento e a socialização dos meios de produção e de trocas”, o PSG se posicionou enquanto defensor dos “trabalhadores, desempregados, donas de casa, pequenos empregados de comércio e funcionários subalternos”. Também com uma forte crítica a departamentalização, entendida como causa do “bloqueio do desenvolvimento econômico e político”. O PSG, no momento de seu nascimento, reivindicou um estatuto especial para a Guiana Francesa, que não era, ainda, necessariamente a independência.<sup>11</sup>

### 3) A CRISE POLÍTICA E O MOVIMENTO DE INDEPENDÊNCIA:

Na virada dos anos 1950 para os anos 1960, de acordo com Mam-Lam-Fouck, terminou certo “encanto” pelo desenvolvimento social mostrado no pós-guerra. A passagem da colônia para departamento, em 1946, proporcionou aspirações de nivelamento de nível de vida e condições sociais com a porção metropolitana, inclusive no tocante ao fim dos preconceitos e olhar enviesado em relação a Guiana Francesa. Os avanços no sistema de saúde e na infraestrutura, embora significativos, não chegaram a um patamar próximo de Paris. Uma população jovem já não se conformava com essa distância sendo perpetuada, passando a externar cada vez mais seu descontentamento com a organização departamental.

Somou-se a isso o turbulento cenário interno da França, com o fim da IV República em 1958. De sorte que a Guiana Francesa adentrou numa nova fase deveras marcada pela contestação do sistema político e de seu estatuto correspondente.

Em 1959, os comunistas se organizaram sob a sigla de UPG (União do Povo Guianense), lançando um importante jornal, “Consciência Guianense”, e se recusando a participar das eleições. Um importante documento fundacional propôs a seguinte organização departamental:

A Guiana é um território autônomo, membro da comunidade francesa, por consequência as disposições da lei de 19 de março de 1946 são ab-rogadas. Um governo, composto de um presidente e de ministros, determina e conduz a política geral do território; ele dirige os serviços públicos do território. Esse governo é investido de controle por uma assembleia territorial chamada de Grande Conselho, eleita por cinco anos por sufrágio universal e sob escrutínio de lista proporcional. Um alto comissário representa a República Francesa. Ele dirige os serviços do Estado e promulga as decisões da Assembleia Territorial. Eles são submetidos ao controle do Conselho de Estado e do Conselho Constitucional ... A República Francesa é competente em

<sup>11</sup> MAM LAM FOUCK, Serge. Op. Cit. p. 172.

matéria de nacionalidade, de justiça, ensino secundário e superior, defesa nacional e política externa. Todas as outras matérias são do Território.<sup>12</sup>

Tratava-se de uma proposta de reorganização política, ensejando maior autonomia dentro da República francesa.

Todo esse movimento de criação e fortalecimento da esquerda guianense foi acompanhada de um crescimento e cristalização outrossim de movimentos alinhados ao ideário de centro-direita, como a URG (União Republicana da Guiana) e o MPG (Movimento Popular Guianense).

Em abril de 1960, o General de Gaulle visitou a Guiana Francesa, primeiro presidente oficialmente no cargo a realizar tal expediente. Anunciou uma série de medidas descentralizadoras, resposta as pressões das populações departamentais de ultramar:

O “prefet” foi investido da qualidade de um organizador secundário por juntar as despesas civis do Estado e doravante um poder de coordenação das atividades dos chefes de serviços civis. O decreto 60-406 atribui aos conselhos gerais dos DOM competências de adaptação da legislação e da organização administrativa metropolitana: o conselho geral é previamente consultado sobre todos os projetos de leis e decretos ... além disso o conselho geral pode inserir no governo toda proposição tendente a intervenção de disposições oficiais motivadas pela situação particular do departamento. As câmaras de comércio e de agricultura podem ser chamadas para dar suas opiniões sobre questões relevantes de suas competências.<sup>13</sup>

Assim, o conselho geral, eleito no departamento, recebia funções mais robustas tendo em vista os poderes do “Préfet”.

Insatisfeitos, a oposição, sobretudo o PSG e a UPG, criou uma comissão com o intuito de organizar uma proposta diferente, que saiu resumidamente como se segue:

A Guiana forma uma coletividade territorial da República Francesa, gozando de autonomia de gestão, chamada de “Região Guianesa”. A “Região Guianesa” dispõe de uma assembleia eleita por sufrágio universal e de um conselho regional que se compõe de um presidente assistido de cinco membros. Esse executivo conduz a política da região. A República é representada por um alto comissário. As competências da região e do estado são estabelecidas de maneira a preservar a inteira soberania da França sobre a Guiana.<sup>14</sup>

A questão era de maior autonomia dentro da República francesa, sem tanger a questão da independência. Mesmo assim, essa segunda proposta não teve unanimidade em outros grupos políticos, e não chegou a ser considerada pela administração departamental.

Essa questão da independência se colocou algo marginal no decorrer desses anos, até por conta dos aguardados efeitos da descentralização de De Gaulle. Uma elite departamental, mais a direita do espectro político,

---

<sup>12</sup> Estatuto de Autonomia publicado pela Consciência Guianense, agosto-setembro de 1960, p. 2. Citado por MAM-LAM-FOUCK, Serge. Op. Cit. p. 191.

<sup>13</sup> MAM -LAM-FOUCK, Serge. Op. Cit., p. 199.

<sup>14</sup> Idem, p. 202.

hegemonizou os cargos e os jornais, arrefecendo o movimento social. Muito se difundiu sobre a “perda” da Argélia como um golpe negativo em toda nação, pouco como conquista de um povo oprimido por outro. O discurso era de que o “povo guianês” era o “povo francês”, o que acabou por se tornar mais problemático no final dessa década, sobretudo com a nova conjuntura que se abriu com maio de 1968.

A partir de 1970, inspirado na radicalização dos estudantes metropolitanos, uma miríade de organizações surgiu no espectro político guianense, de inclinações esquerdistas e esposando a pauta da independência:

“Círculo Guianês de Estudos Marxistas” (CGEM), quem se transforma em 1973 em “Movimento Nacional Guianês (MNG), o “Grupo de Ação Popular” (GAP), igualmente em 1970, a “Juventude Ativa da Guiana” (JAG), em 1971; o “Partido do Trabalho da Guiana” (PTG), em 1972, “Tam Tam”, em 1973; o “Movimento Guianês de Descolonização (MOGUYDE), em 1974; em 1975, “Fou Nou Liberé la Guyane” (FNLG); o “Partido da Libertação Colonial da Guiana Francesa” (PLCG); o Grupamento das Organizações Nacionais da Guiana” (CONG); em 1978 “Unidade Guianense”.<sup>15</sup>

Utilizaram desde comícios, distribuição de panfletos, grupos de estudos, pichações em muros, jornais e até atentados a bombas contra monumentos públicos.

Em 1973, a poderosa UTG (União dos Trabalhadores Guianenses), se posicionou oficialmente a favor da “independência nacional guianense”, com sua icônica bandeira, verde e amarela com uma estrela vermelha no centro. Essa bandeira, com o decorrer do tempo, tornar-se-ia a bandeira mais difundida do departamento. Nesse diapasão, a outra grande força da esquerda tradicional, o PSG, igualmente se declarou favorável a independência.

A adesão da UTG e do PSG à causa da independência forneceu mais peso e uma maior credibilidade a corrente nacionalista. Com efeito os dois organismos eram representativos, o primeiro, da maioria dos trabalhadores, artesãos e pequenos empregados, o segundo, de uma fração não negligenciável da opinião pública. Os movimentos nacionalistas não passavam de círculos de reflexão ou células de ação, sem uma implantação real na sociedade guianense, enquanto que o PSG dispunha de eleitos, de uma massa de militantes e de eleitores, e a UTG do grupo de sindicatos.<sup>16</sup>

Dessa forma, o movimento ganhou forma, influência e poder na sociedade. Mesmo na França as preocupações foram crescentes em relação a possibilidade da perda do departamento, àquela altura com importância crucial por conta do Centro Espacial. O ambiente se viu cada vez mais tensionado:

A agitação nacionalista começa por uma série de greves lançadas pela UTG e termina com a repressão e a prisão em Paris de militantes mais engajados na luta pela autonomia ou independência.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Idem, p. 215.

<sup>16</sup> Idem, p. 222.

<sup>17</sup> Idem, p. 227

Na medida em que o chamamento pela independência gerava mais repressão e ainda uma adesão considerada insuficiente, a UTG, na visão de Mam Lam Fouck, mudou de tática e incorporou consignas econômicas nas reivindicações:

A UTG muda então de estratégia. A mobilização dos trabalhadores em torno de palavras de ordem políticas revelou-se inoperante. A central sindical decide se servir de reivindicações salariais e categoriais como trampolim, para mobilizar politicamente os trabalhadores.<sup>18</sup>

A todo momento as forças da ordem se bateram contra essas greves. As siglas departamentalistas, ou seja, aquelas favoráveis a manutenção do status de departamento receberam mais apoio da administração em Paris, bem como maior mobilização da própria elite local contrária a separação. Plasmou-se três tipos de correntes sociais no tocante ao tema: departamentalistas, autonomistas e independentistas, cobrindo respectivamente o universo da centro-direita, esquerda e extrema esquerda.

Em novembro de 1971 ocorreram fortes greves que geraram a prisão de militantes e do próprio Secretário Geral da UTG, Thurenne Radamonthe. Posteriormente, a crise econômica mundial também se manifestou na Guiana Francesa, elevando o grau conflitivo entre as classes sociais. Surgiu uma Frente de Luta contra a Carestia, comandada pela UTG mas com participação do PSG e vários outros grupamentos de esquerda:

No começo de abril de 1974, a Frente lançou uma campanha contra o encarecimento do nível de vida organizando conferências ... A criação do MOGUYDE (transformação do Comitê Crítico Popular em MOGUYDE), em outubro, forneceu uma nova dimensão a campanha da Frente: os militantes do novo movimento nacionalista – que era um dos mais fornidos de militantes e entre os mais ativos – cobriram os muros e edifícios públicos da cidade com inscrições, destinadas a “popularizar” a palavra de ordem da independência. As conferências se davam praticamente a cada final de semana ... Os jovens (de 15 a 25 anos), colegiais, frequentadores do liceu, jovens trabalhadores ou desempregados, eram particularmente sensíveis a propaganda da Frente, e as ideias difundidas pelo MOGUYDE.<sup>19</sup>

Foi despachado para Caiena o Secretário de Estado, Olivier Stirn, entre os dias 11 e 13 de setembro de 1974, gerando uma cascata de protestos e a afirmação da palavra de ordem da independência, entre os grupos citados acima. A repressão envolveu prisões, bombas de gás lacrimogênio e muito conflito entre a população e a polícia. O dia 12 de setembro teve barricadas, brigas de rua entre os favoráveis a independência e os contrários, destruição de veículos e depredação de prédios públicos. Uma verdadeira guerra civil. No dia seguinte, a UTG e o PSG, principalmente, convocaram uma greve geral.

No final desse ano, durante as comemorações do armistício de novembro de 1918, o monumento em homenagem aos mortos na Primeira Guerra foi pichado por três militantes com a seguinte inscrição: “independência nacional. Ontem, morte pela França. Amanha, morrer pela Guiana”. Presos em flagrante por uma ronda policial, foram julgados no dia 15 de novembro, com uma multidão fora do tribunal reivindicando a soltura

---

<sup>18</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>19</sup> Idem, p. 229.

imediate. Novos conflitos violentos se deram nesse contexto, ilustrando o grau de importância que a questão havia tomado.<sup>20</sup>

Em 9 de dezembro, o “Préfet” ordenou a prisão de treze militantes nacionalistas, dando vazão a mais protestos e manifestações. Uma delegação do PSG veio de Paris em solidariedade aos presos, sob liderança de François Mitterrand.

Em verdade, a década de 1970 foi hegemônica, na esfera política, pelo PSG, que conseguiu maioria no Conselho Geral Departamental entre 1970 e 1973. Logrou eleger o presidente desse conselho por mais anos, tendo também o prefeito de Caiena entre 1965 e 1977, e o senador eleito localmente para o parlamento francês. No final dessa década, nesse sentido, recrudesciu o movimento independentista:

Em 1979-1980, houve uma certa recrudescência da agitação nacionalista em ligação com os movimentos independentistas antilhanos: bombas explodiram pela primeira vez na Guiana (2 em Caiena, 1 em Kourou). Pessoas foram presas e 4 militantes nacionalistas inculcados, como aqueles de 1974, por atentado a segurança do Estado, transferidos para Paris.<sup>21</sup>

Provavelmente essa conjuntura tenha sido a derradeira para mudanças significativas na administração do departamento, no sentido de maior autonomia de gestão preservando a ligação com a França europeia.

A Lei de 31 de dezembro de 1982 aplicou nos DOM a descentralização metropolitana instaurada pela lei de 2 de março de 1982. A Guiana foi dotada de uma dupla estrutura administrativa sobreposta: o departamento e a região. Os membros do conselho regional foram eleitos por sufrágio universal direto e num escrutínio proporcional. O executivo da região foi confiado a um presidente. Dois comitês consultivos ajudam nessa gestão: o comitê econômico e social e os da cultura, de educação e meio ambiente. A lei de 2 de março de 1982 transferiu igualmente ao presidente do conselho geral o executivo do departamento. Os guianenses dispuseram então, a partir de 1982, através do executivo da região e do departamento, de meios que permitem se encarregar de uma parte não negligenciável de seus próprios negócios<sup>22</sup>.

Essa reforma veio no bojo de dois movimentos contraditórios e articulados. Em 1981, a esquerda ganhou as eleições majoritárias na França, com a escolha de François Mitterrand para presidente da república, uma conjuntura que expressou o fortalecimento interno das tendências mais autonomistas. De acordo com André Néron, “a esquerda local representada principalmente pelo Partido Socialista Guianense (PSG) deteve a maioria dos mandatos políticos”. Assim, o deputado Elie Castor e o senador Raymond Tarcy desfrutaram de respaldo para elaborarem uma proposição particular para a descentralização administrativa no caminho de maior poder político e econômico para o departamento<sup>23</sup>.

Todavia, numa situação econômica estagnada internacionalmente, represou-se os investimentos na economia como um todo e no desenvolvimento do Centro Espacial. As taxas de desemprego aumentaram, levando a um enfraquecimento dos movimentos reivindicatórios, piorados com a crise mundial do socialismo. Assim, a lei

---

<sup>20</sup> Idem, p. 230.

<sup>21</sup> Idem, p. 233.

<sup>22</sup> MAM LAM FOUCK, Serge e ANAKESA, Apollinaire. *Nouvelle Histoire de la Guyane*. Matoury: Ibis Rouge, 2013. P. 200.

<sup>23</sup> NÉRON, André. Le conseil général à l'épreuve de vingt-cinq années de décentralisation (1982-2007). In: MAM LAM FOUCK, Serge. Op. Cit. p. 347.

aplaçou as aspirações nacionalistas, enquanto a própria conjuntura pôs por terra a envergadura da mensagem crítica dos contrários a departamentalização.

O departamento de fato passou a ter uma dimensão de responsabilidade gestonária jamais alcançadas nos séculos precedentes. Os nacionalistas guianenses perderam sua energia e redefiniram suas práticas a respeito do tema.

#### 4) CONCLUSÃO:

Com dificuldades de acesso a fontes primárias, trabalhamos com textos não traduzidos ainda para o português, sobremaneira a obra de Serge Mam Lam Fouck. O que permite uma sobrevoos histórico apenas sobre a questão da independência na Guiana Francesa.

A questão segue pulsante ainda hoje, com um partido político (Movimento de Descolonização e Emancipação Social-MDES) que atinge cerca de 10% dos votos, bem como os “500 irmãos”, protagonistas de uma rebelião social que parou a Guiana Francesa em março / abril de 2017.

Por outro lado, na ausência de uma elite local articulada, fruto do despovoamento que a colônia sofreu nos séculos XVIII e XIX, e na concretização dos valores nacionais, diante da mobilização de duas guerras mundiais, o movimento social independentista não logrou subsumir essas duas questões, se viabilizando enquanto vetor dominante no sistema político.

A instalação do Centro Espacial Europeu, em Kourou, a partir de 1964, valorizou ainda mais o pertencimento do território na ótica da administração de Paris. A conquista de direitos sociais, por um lado, e o exemplo nefasto das guerras civis que campearam nas guianas vizinhas foram outros motivos que enfraqueceram a possibilidade de separação total. As reformas de 1982 legitimaram ainda mais a ligação com a França europeia.

Não obstante, como foi dito, ocorreram lutas e disputas em nome da independência, sobretudo da parte dos socialistas, marxistas, comunistas e jovens estudantes. Conhecer essa história faz parte da tradição de perscrutarmos todos os cadinhos regionais da América do Sul, onde quer que as contradições econômicas e políticas se fizeram presentes.

#### BIBLIOGRAFIA

- CAVLAK, Iuri. *Introdução a História da Guiana Francesa*. Macapá: Editora da Unifap / Autografia, 2017.
- GRANGER, Stéphane. Guiana Francesa entre França e Brasil: Da colonização a continentalização. In: PORTO, Jadson e SOTTA, Eleneide (orgs). *Reformatações Fronteiriças no Platô das Guianas: (re) territorialidades de cooperação em construção*. Rio de Janeiro: Publit, 2011.
- HOEFTE, Rosemarijn. *Suriname in the Long Twentieth Century: Domination, Contestation, Globalization*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.
- MAM LAM FOUCK, Serge. *Histoire Générale de la Guyane Française*. Matoury: Ibis Rouge, 2002.
- MAM LAM FOUCK, Serge e ANAKESA, Apollinaire. *Nouvelle Histoire de la Guyane*. Matoury: Ibis Rouge, 2013.
- NÉRON, André. Le conseil général à l'épreuve de vingt-cinq années de décentralisation (1982-2007). In: MAM LAM FOUCK, Serge (org). *Comprendre la Guyane d'aujourd'hui*. Matoury: Ibis Rouge, 2007.
- MAURICE, Edenz. *Les Eiseignants et la Politisation de la Guyane (1946-1970). La emergence de la gauche guyanaise*. Matoury: Ibis Rouge, 2014.
- RABE, Stephen. *U.S. Intervention in British Guiana: a cold war history*. Washington: North Caroline Press, 2005.

THOMAS, Clive. *State Capitalism in Guyana: an Assessment of Burham's Cooperative Republic*. In: FITZROY, Amburley e COHEN, Robin (ed). *Crisis in Caribbean*. New York: Monthly Review Press, 1983.

Recebido em 23-08-2019

Aprovado em 31-10-2019